

PERIFÉRIAS

E FILANTROPIA

As barreiras de acesso aos recursos no Brasil

PIPA

EXPEDIENTE

INICIATIVA PIPA

✉ comunicacao@iniciativapipa.org

📷 @iniciativapipa

🐦 @iniciativapipa

🌐 iniciativapipa

🌐 www.iniciativapipa.org

PERIFERIAS E FILANTROPIA

As barreiras de acesso aos recursos no Brasil

FICHA TÉCNICA

Coordenação Geral:

Gelson Henrique

Coordenação da Pesquisa:

Luana Braga Batista

Consultoria de Comunicação:

Rithyele Dantas

Pesquisadores:

Agnes Aparecida Santos
Anderson Lucas da Costa Pereira
Celina Maria Muller Ferreira Pinagé
Débora Ferreira Paixão Diniz
Herika Marques Barcelos Lima
João Mario Sales da Silva
Luna Mendes dos Santos
Luana da Silva
Murillo José de Aguiar Araújo
Neidelená Regina de Macedo Nobre
Paulo Eduardo Marques de Sousa
Samilly Maria Moreira da Silva e Silva

Analista de Dados:

Artur Mattos Pessoa
Marisa Santana

Revisão Técnica:

Gelson Henrique
Marisa Santana

DIAGRAMAÇÃO

Arthures Garcia

EQUIPE INICIATIVA PIPA

Coordenação Executiva:

Gelson Henrique

Coordenação de Pesquisa:

Luana Braga Batista

Assessoria de Pesquisa e Mobilização:

Buba Aguiar

Coordenação de Comunicação:

Carla Ninos

Assessoria de Comunicação:

Dayanne Soares

Conselho Fundador:

Ana Clara Telles
Gelson Henrique
Marcelle Decothe
Raul Santiago

PARCEIRO

INSTITUTO NU:

Diretor Presidente Instituto Nu

Guilherme Vieira

Diretora Geral Instituto Nu

Tamires Silvestre

Gerente de Projetos Instituto Nu

Marisa Santana

Analista de Projetos Instituto Nu

Jéssica Castelo



A Iniciativa PIPA, em parceria com o Instituto Nu, realizou em 2022, a pesquisa “Periferias e Filantropia - As barreiras de acesso aos recursos no Brasil” de grande impacto e abrangência com o objetivo de analisar a descentralização dos recursos privados para viabilizar as ações e os projetos daqueles que estão na ponta. Os dados da pesquisa apresentam um mapeamento inédito do setor e dá um panorama de uma outra realidade do país.

É importante ressaltar que a pesquisa foi realizada dentro de um contexto social, político e econômico pós-pandêmico. Coletivos, Associações, Ongs, dentre outros, relatam com frequência, em suas mídias, o aumento da demanda e a necessidade das pessoas: a fome, a água e a garantia de direitos humanos, que nunca saíram da pauta do dia, estão expostas em outdoors em cada esquina das cidades.



A pesquisa “Periferias e Filantropia - As barreiras de acesso aos recursos no Brasil” se propõe a analisar e entender quais as principais dificuldades para acessar os recursos, buscando assim contribuir para o debate da descentralização dos recursos sociais privados e filantrópicos para viabilizar as ações e os projetos daqueles que estão na ponta, deste modo, nada mais justo do que utilizar uma metodologia que se preocupe com a realidade e o contexto dos que estão inseridos. A pesquisa foi construída por mãos de diferentes periferias e municipais articulações e incidências no campo do investimento social privado e filantrópico.

Pensando nisso, foram contratados doze pesquisadores das cinco regiões brasileiras que tinham incidência em seus territórios e possuíam um vasto conhecimento de ações coletivas locais. A PIPA buscou articular jovens que atuam em movimentos ou organizações de responsabilidade social que são reconhecidos como lideranças

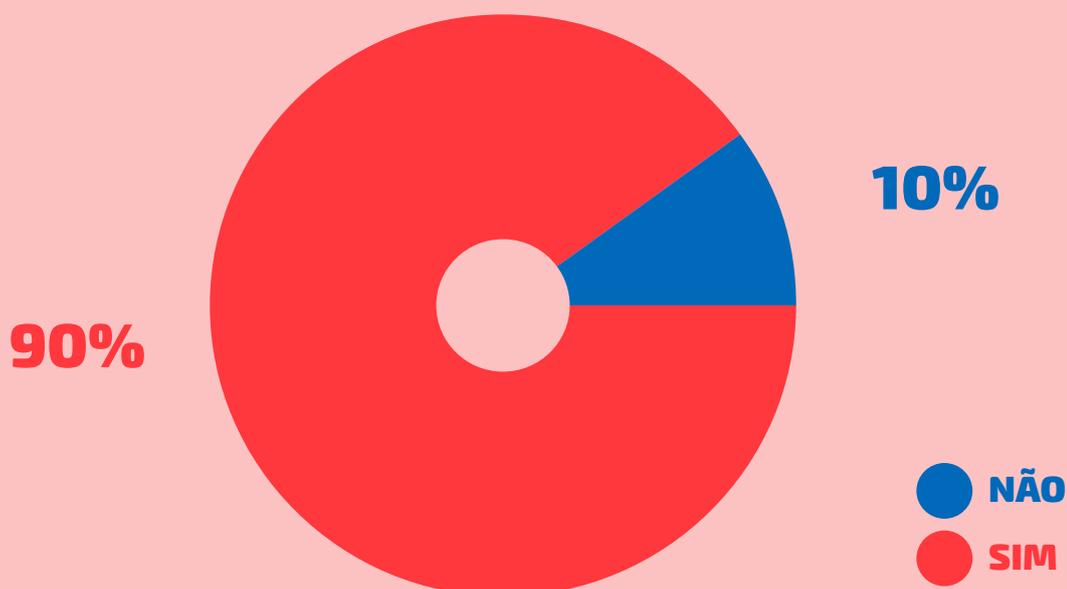
locais e agentes sociais capazes de agregar mais pessoas e outras instituições/ organizações promovendo um maior alcance e impacto da pesquisa.

Os dados apresentam reflexões sobre os possíveis caminhos que devem ser seguidos para descentralizar e desburocratizar o investimento para ações sociais nas favelas e periferias, além de indicar o que deve mudar nesse cenário e as brechas que se tem para a inovação no terceiro setor. O principal objetivo é fazer com que os recursos cheguem de maneira efetiva nas periferias e favelas. E isso só acontecerá trazendo as periferias para o centro do debate e da construção da agenda da filantropia do país.

A pesquisa conseguiu 607 respostas de iniciativas das cinco regiões do país, o que proporcionou a realização de análises profundas no que diz respeito à raça, gênero, classe e condições de trabalho nessas iniciativas das periferias. Os resultados apontam que 74% das pessoas que atuam nos projetos, são pessoas negras e 78% das pessoas beneficiadas pelos projetos, também são. A maior parte populacional do Brasil. Os gráficos abaixo apontam o perfil das iniciativas que participaram da pesquisa e suas frentes de atuação.

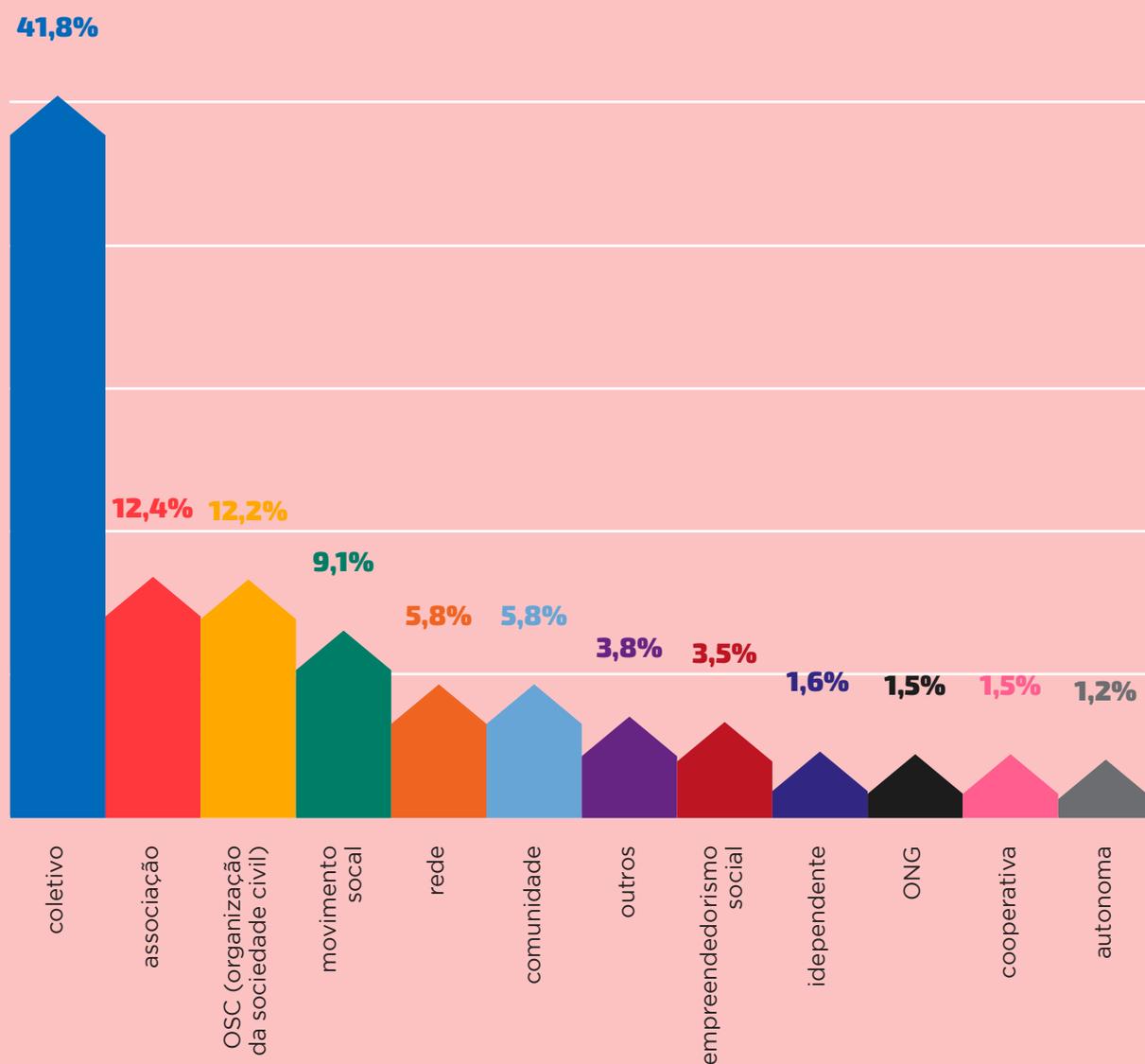
A INICIATIVA ATUA EM REGIÃO RECONHECIDA COMO PERIFÉRICA

Favelas, aldeias, sertões, quilombos, assentamentos: a periferia atuante.



QUAL TIPO DE ORGANIZAÇÃO QUE VOCÊ ATUA E/OU REPRESENTA?

A maioria das organizações são coletivos que, apesar de ativos em seus territórios, não possuem registro oficial/CNPJ.

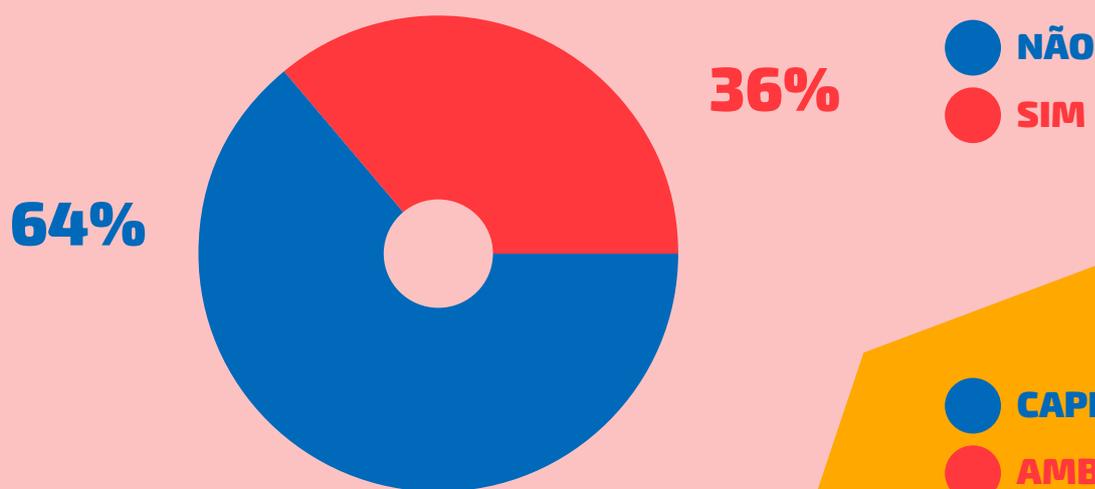


Norte e Nordeste possuem, juntos, 54% da população amostral, indicando uma forte presença das iniciativas nessas localidades. Somadas às outras regiões têm-se 46% de iniciativas espalhadas entre as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

As iniciativas desenvolvem trabalhos descentralizados, atuam no interior dos Estados, em zonas urbanas e rurais, algumas conseguem um impacto nas

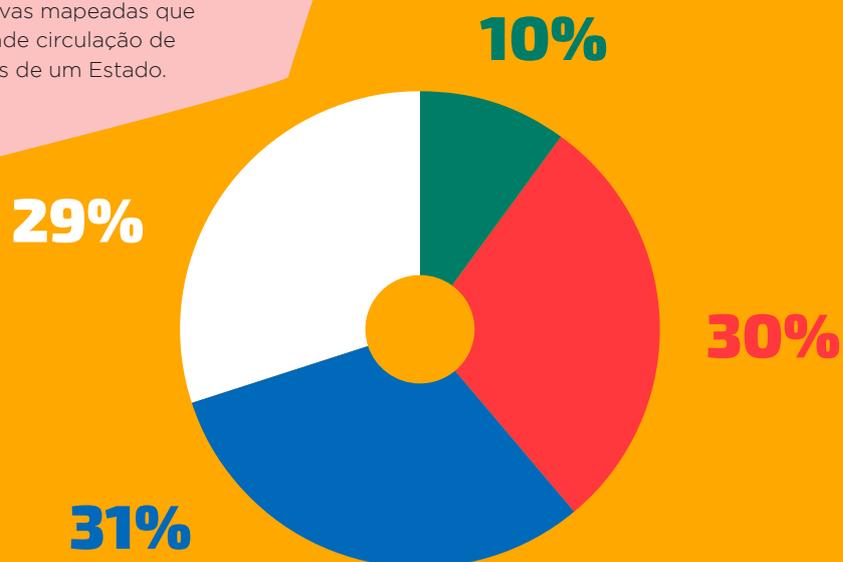
capitais e nas regiões metropolitanas, e, também, em territórios tradicionais com populações indígenas, quilombolas e ribeirinhas. Esse dado pode ser visualizado nos gráficos a seguir:

SEU PROJETO FAZ PARTE OU ATUA EM TERRITÓRIO DE POVOS TRADICIONAIS



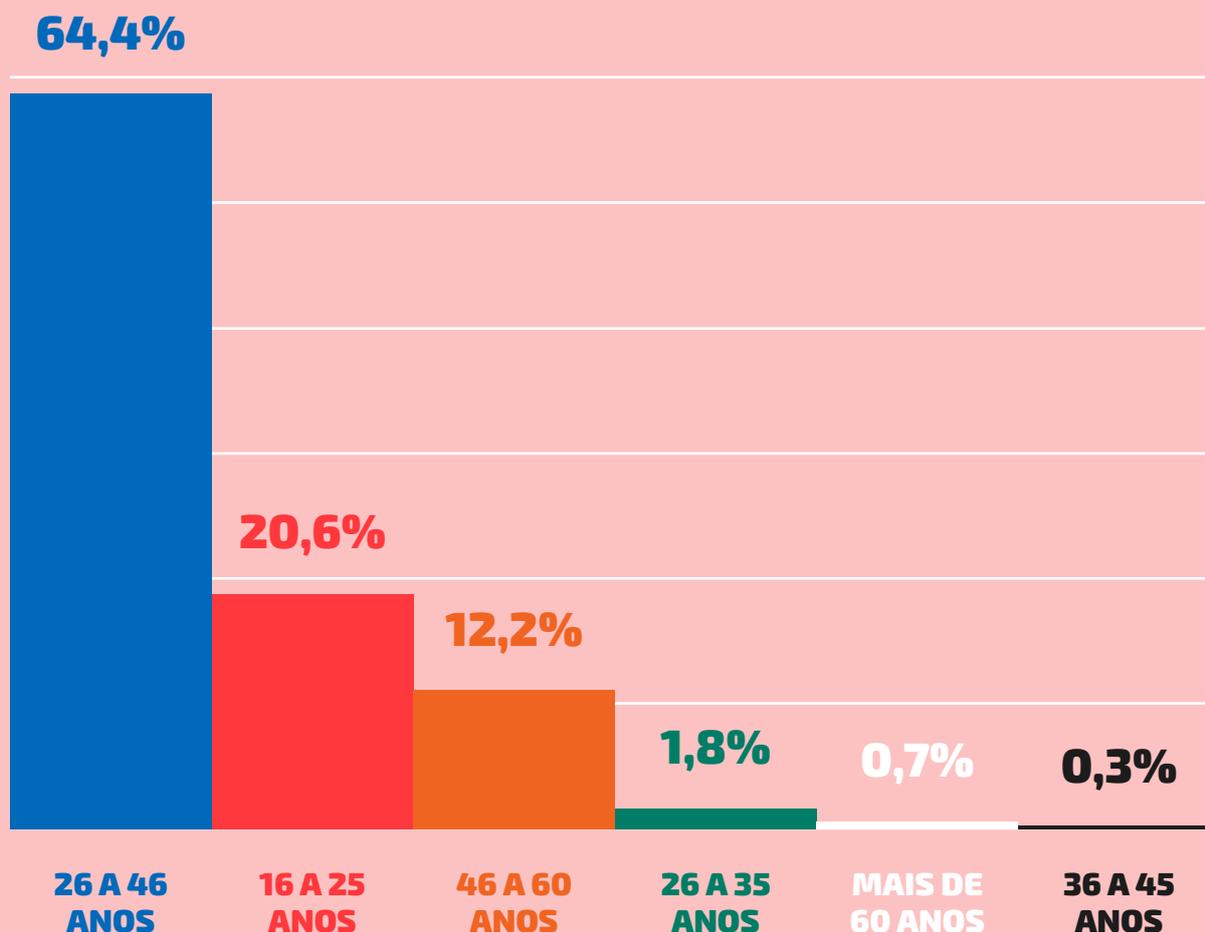
O TRABALHO ATINGE A CAPITAL OU O INTERIOR DO ESTADO?

Entre as 607 respostas adquiridas, 29% atuam nos interiores somados com os 30% que atuam nas capitais e nos interiores, temos 59% de iniciativas mapeadas que atuam fora das capitais e fora da grande circulação de capital. 10% conseguem atuar em mais de um Estado.



QUAL A FAIXA ETÁRIA DA MAIORIA DAS PESSOAS QUE ATUAM NO PROJETO/ORGANIZAÇÃO?

O perfil dos membros é um fator importante para a compreensão das iniciativas. São sobretudo pessoas jovens de 16 a 45 anos que compõem essas iniciativas.

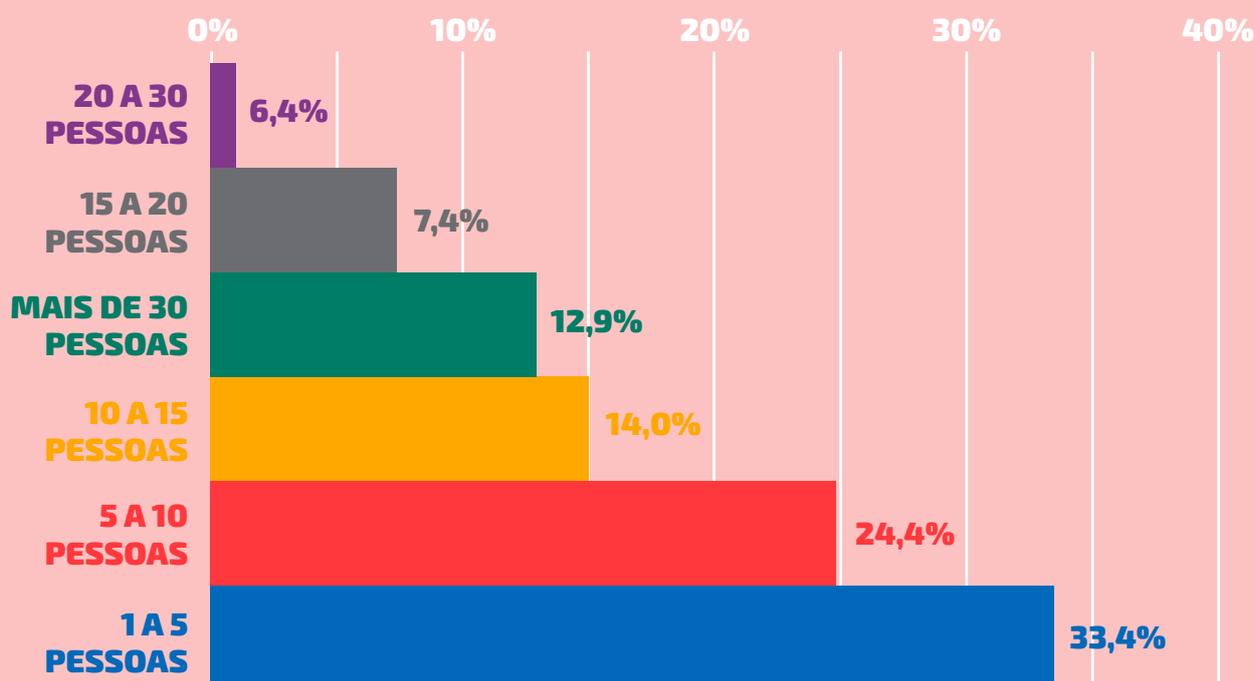


Ainda, como demonstrou nossa pesquisa, cerca de 25% das iniciativas são desenvolvidas e compostas de 5 a 10 membros. Mas, ainda, cerca de 34% das iniciativas possuem cerca de 1 a 5 membros no desenvolvimento dos projetos. Aproximadamente, 15% das iniciativas contam com 10 a 15 pessoas e 13% com mais de 30 membros. Esse é um dado crucial porque situa essas iniciativas no campo das condições de desenvolvimento: quase 60% das iniciativas pesquisadas não possuem mais de 10 membros na organização e gestão da organização e dos projetos, o que indicaria uma provável falta de responsáveis para lidar com a tarefa burocrática da captação de recursos e fortalecimento institucional, mas esse dado agrava ainda mais quando entendemos a relação

que ele possui com as condições de trabalho, e o que esses interlocutores precisam fazer para manter o projeto ativo e impactar mais que o triplo de pessoas que atuam na linha de frente da organização.

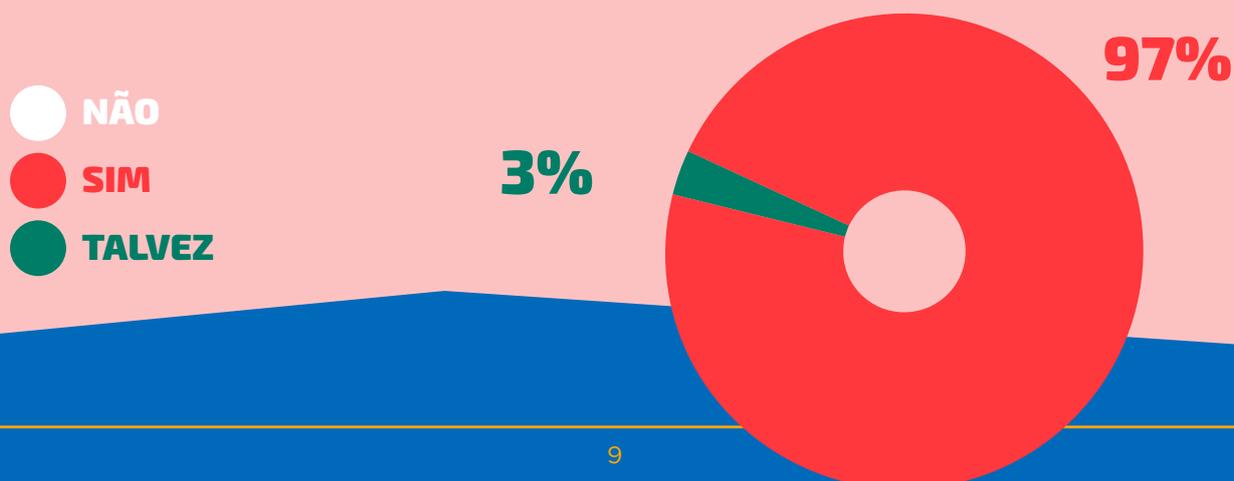
QUANTAS PESSOAS ATUAM NA ORGANIZAÇÃO?

Os grupos precisam organizar as tarefas práticas e burocráticas da gestão utilizando os funcionários e membros que possuem. Sobrecarregando alguns em detrimento de outros, além de possuir trabalhos externos às iniciativas das quais participam.



VOCÊ ACREDITA QUE SEU PROJETO AJUDA A GERAR QUALIDADE DE VIDA PARA A COMUNIDADE

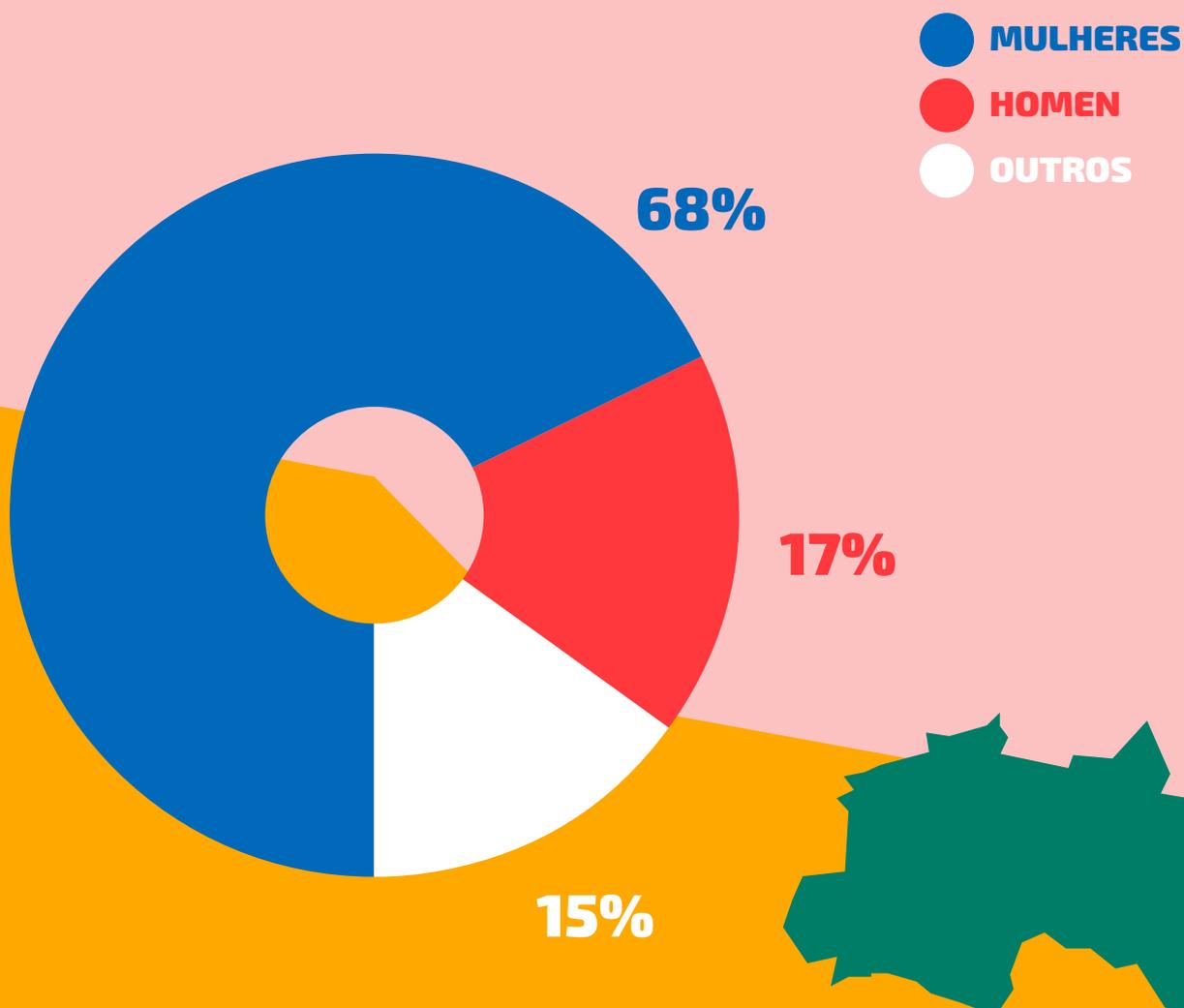
Apenas 3% indicaram dúvidas do impacto de seus projetos na qualidade de vida em seus territórios de atuação.



Deste modo, descobrimos que os trabalhadores da linha de frente de projetos no país são sobretudo mulheres (68%), enquanto os homens (17%) compõem o segundo maior grupo, seguido por outros. Importante frisar que nossa pergunta era referente a gênero, com opção de outros que foi preenchido por paritários e LGBTQIAP+, as iniciativas quiseram frisar também o marcador da sexualidade daqueles que estão na linha de frente dos projetos e da resistência cotidiana, as mulheres também estão em sua composição de diversidade, se somados aos 68% teríamos mulheres na linha de frente de 83% das ações de transformação social do país.

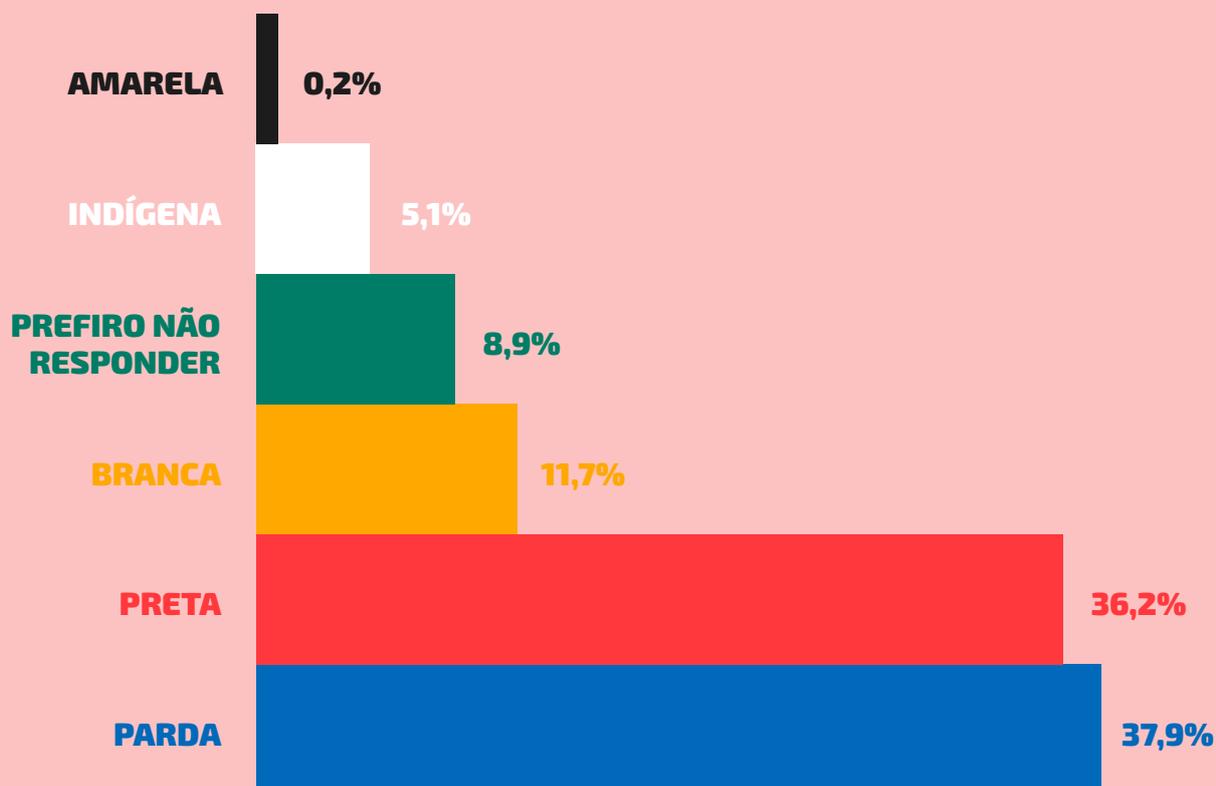
COMO SE IDENTIFICAM A MAIORIA DAS PESSOAS QUE FAZEM A GESTÃO DO PROJETO/ORGANIZAÇÃO?

Se somados aos 68%, teríamos mulheres na linha de frente de 83% das ações de transformação social do país, pois elas também estão presentes na categoria de outros e LGBTQIAP+.



QUAL A COR/RAÇA DA MAIORIA DAS PESSOAS QUE ATUAM NO PROJETO?

Se, como vemos no gráfico, 37,9% das pessoas que atuam nos projetos se identificam como pardas e 36,2% como pretas, podemos afirmar e entender que quando falamos de periferias, estamos falando sobre pessoas negras.



VOCÊ ACREDITA QUE SEU PROJETO IMPACTA A ECONOMIA LOCAL?

As iniciativas desenvolvidas ajudaram a alavancar a economia local, demonstrando alta conectividade com o setor econômico.



91%

9%



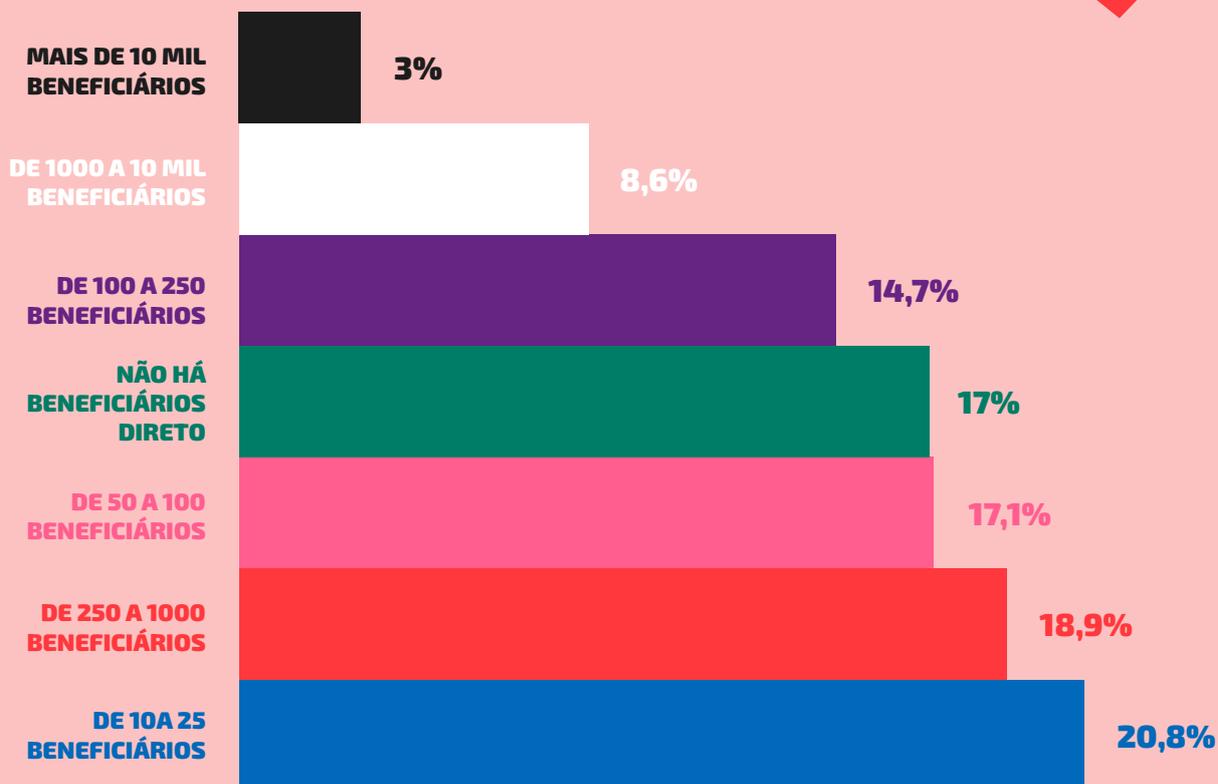
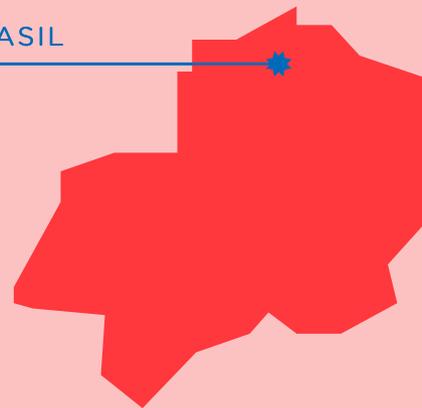
Daí nos perguntamos como seriam as condições de acesso ao financiamento privado e filantrópico no Brasil para esses grupos de pessoas acima descritos que possuem inúmeras vulnerabilidades e que, ainda assim, organizam e fundam coletivos de ação social. A exigência de portfólios e materiais que possam comprovar a existência desses projetos é uma importante ferramenta de redução de fraudes e de geração de legitimidade ao financiamento, mas precisa urgentemente ser contextualizada e atualizada, pois como vimos é insustentável a exigência de requisitos que reforçam uma lógica excludente e racista. É limar mais uma vez uma série de pessoas a ter acesso a garantia de direitos básicos.

Portanto, é possível afirmar que projetos que atuam com até 10 pessoas em sua organização estão impactando a vida de muitas pessoas nessas comunidades, muitas vezes em condições bastante precarizadas e sem acesso a financiamento. É uma rede gerida por mulheres negras e que atende sobretudo populações marginalizadas e vulneráveis, como outras mulheres negras, indígenas e a população LGBTQIAP+. Do ponto de vista do impacto, 21% das iniciativas atingem um público de 10 a 50 pessoas, enquanto 19% atendem de 250 a 1000 pessoas. Outros 17% atendem de 50 a 100 beneficiários e o mesmo valor amostral não possui beneficiários diretos. Os dados demonstram que há uma rede de beneficiários estável e considerável que utilizam das iniciativas como exercício de promoção da cidadania, e a amplitude das ações pode estar diretamente ligada às capacidades financeiras de cada iniciativa.



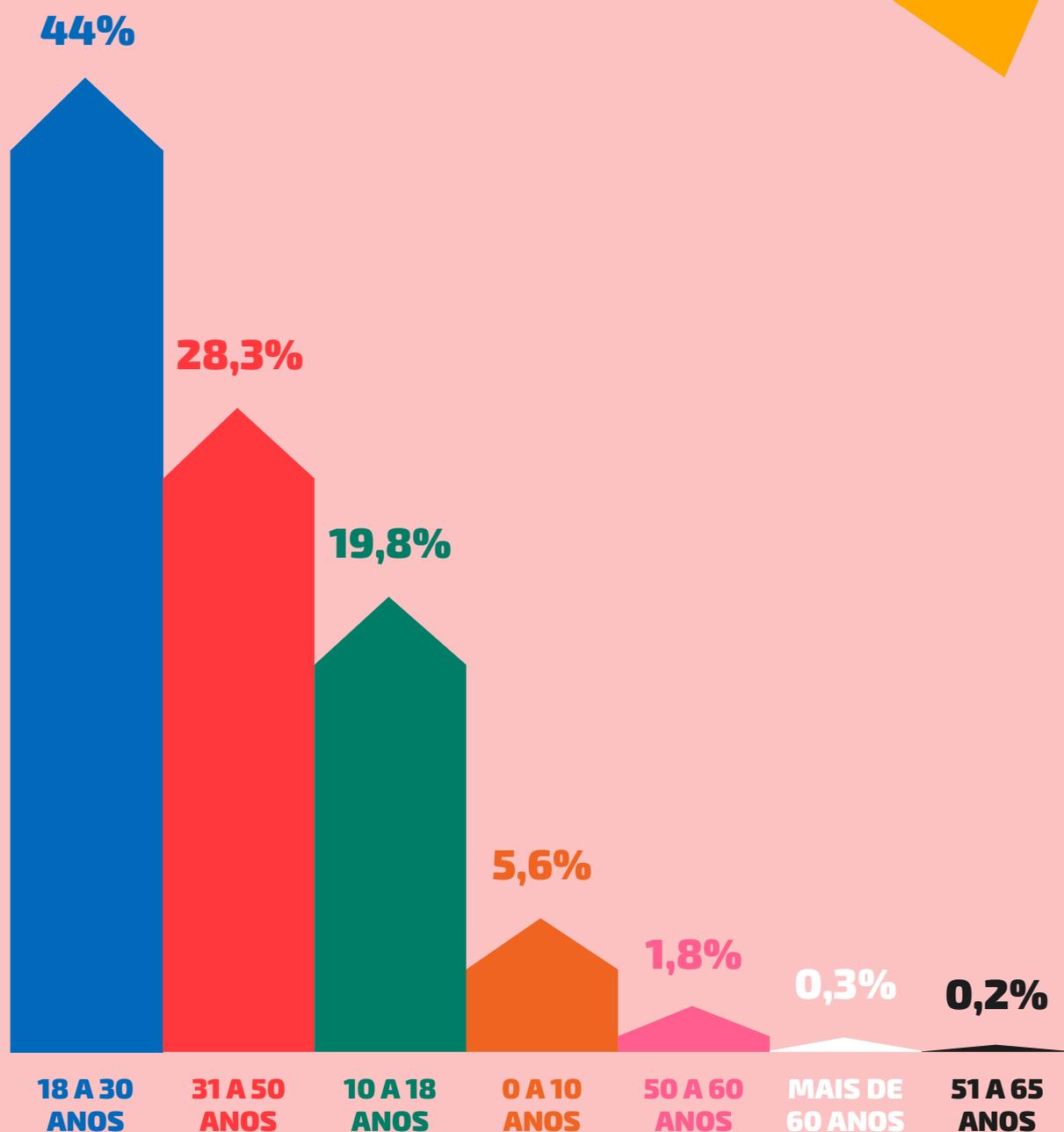
QUANTAS PESSOAS BENEFICIARIAS SEU PROJETO ATINGE EM MÉDIA POR ANO?

Os dados demonstram que há uma rede de beneficiários estável e considerável que utilizam das iniciativas como exercício de promoção da cidadania.



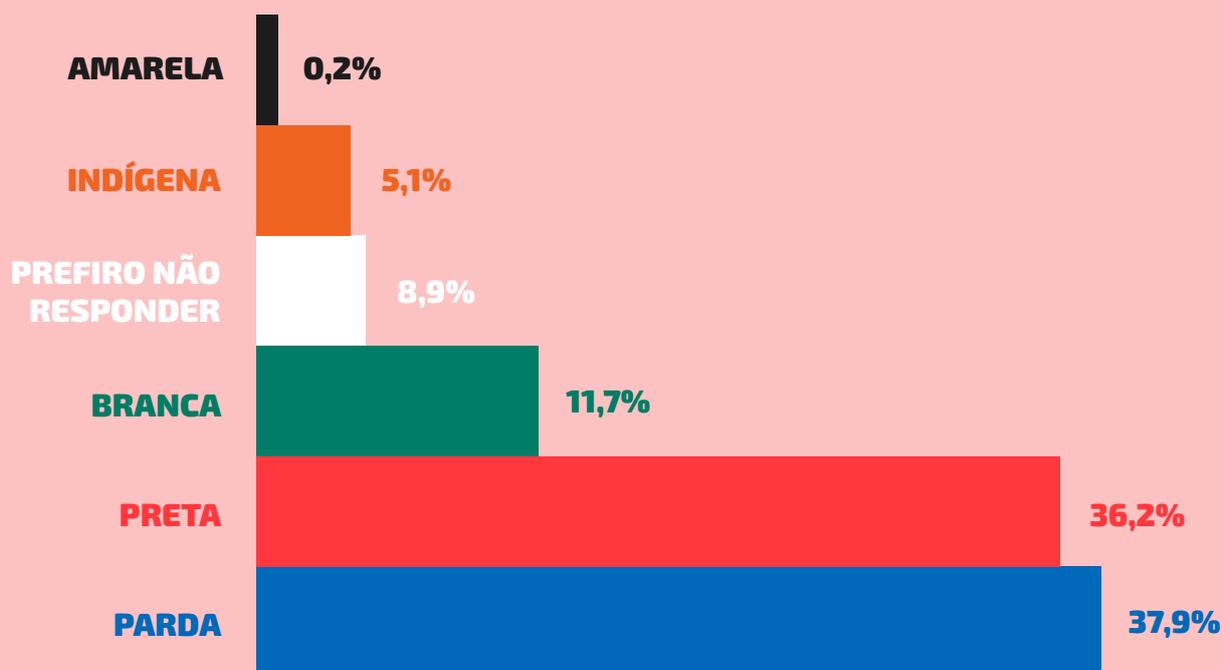
QUAL A FAIXA ETÁRIA DA MAIORIA DAS PESSOAS QUE SÃO ATENDIDAS PELO PROJETO/ORGANIZAÇÃO?

A respeito do público atendido por essas iniciativas, temos um público de 18 a 50 anos na ponta dessas iniciativas, o que indica a capacidade transgeracional de alcance dos projetos. Porém, com forte ênfase no público de 18 a 30 anos.



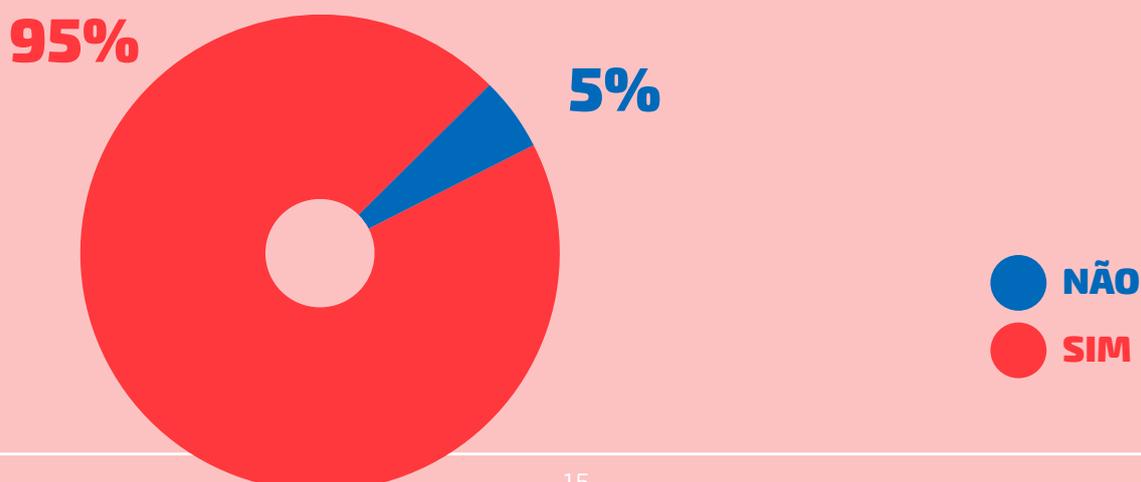
QUAL A COR/RAÇA DA MAIORIA DAS PESSOAS QUE SÃO BENEFICIADAS PELO PROJETO?

A população negra (soma de negros e pardos) é a principal beneficiária de ações desenvolvidas pelas iniciativas aqui mapeadas, representando um total aproximado de 78% da amostra.



VOCÊ ACREDITA QUE SEU PROJETO IMPACTA A ECONOMIA LOCAL?

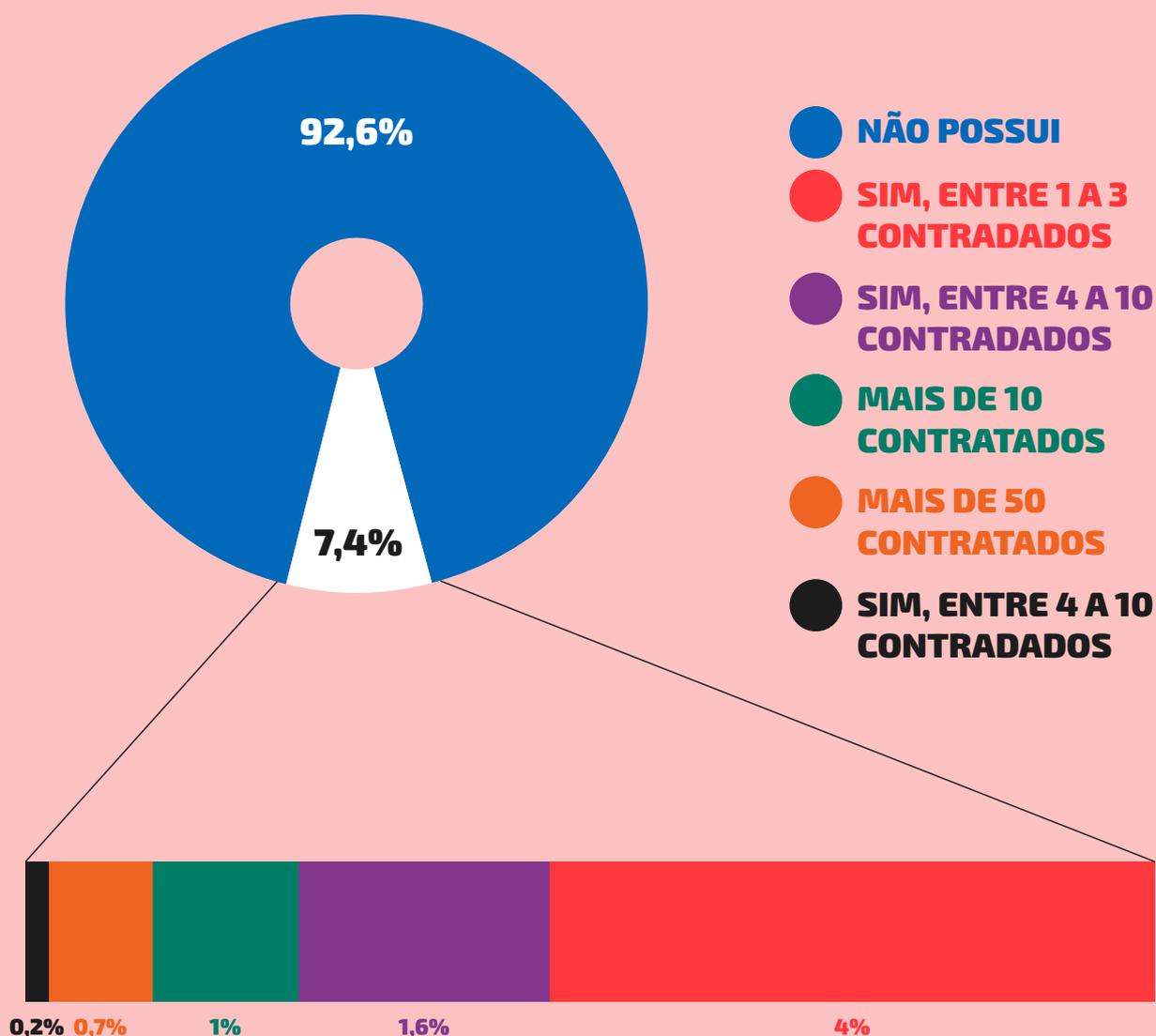
Quase a totalidade do universo amostral disse acreditar na formalização como condição para acesso aos recursos financeiros. Desses, dos que não possuem CNPJ, 62% disseram que gostariam de alguma ajuda para formalização.



Algumas são as hipóteses para a pergunta “acredita que a formalização impacta na capacidade de captação de recursos financeiros?”. A primeira delas é a falta de fortalecimento institucional, pessoas para cuidar da documentação de registro, a falta de tempo e recursos, haja visto que um funcionário normalmente desempenha mais de uma função nos projetos e esse processo exige um custo financeiro. Não nos parece se tratar de ausência de conhecimento ou expertise, na medida em que 77% dos entrevistados dizem conhecer os caminhos para a formalização.

SUA ORGANIZAÇÃO POSSUI PESSOAS CONTRATADAS POR CLT?

O nível de precarização e as camadas da precariedade na gestão e existência dessas ações é ilustrado pelo dado abaixo: 92% dos projetos não possuem contratação por CLT. Dos 607, 562 não possuem nenhum empregado por CLT.



Sabendo que as pessoas não são em sua maioria, contratadas por CLT, buscamos pelos dados de trabalho voluntário e apenas 16% dos projetos, não possui voluntários, o restante, todos sobrevivem diante dos voluntariados, e em quase 60% dos projetos, todos são voluntários, isso significa que ninguém é remunerado de nenhuma forma. Relataram que precisam trabalhar fora do projeto para conseguir renda e poder comprar materiais para produzir as ações dos projetos sociais. Tira-se do próprio bolso para produzir o impacto social local e o cuidado com o outro. O que não possibilita dedicação exclusiva ao projeto, ao mesmo tempo que indica uma sobrecarga de trabalho em busca de sobrevivência de si e dos seus.

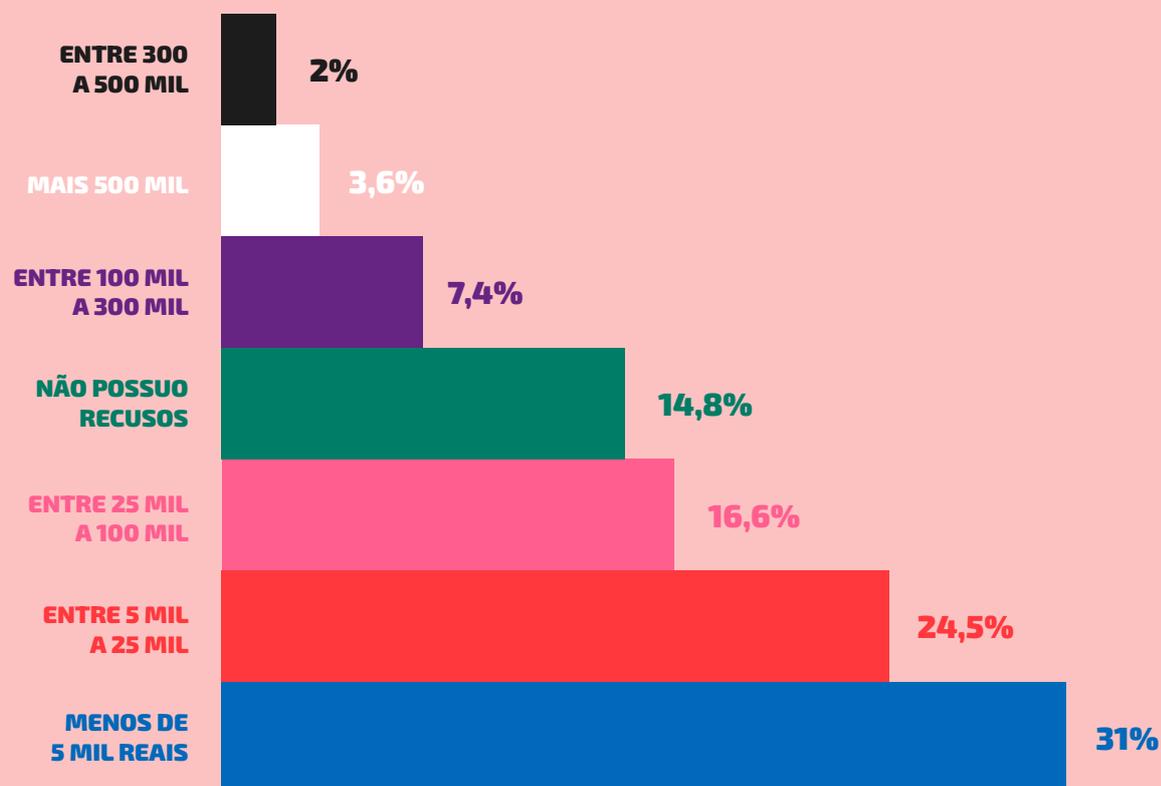
Dos valores obtidos e geridos no período de um ano, 31% contou com menos de 5 mil reais, 24% obteve de 5 a 25 mil reais, 17% de 25 a 100 mil reais e 15% não obteve recursos. Somados os que não obtiveram recursos com os que tiveram o menor valor, temos uma realidade de 46%, quase a metade das iniciativas pesquisadas, que funcionaram em um espaço de um ano com até 5 mil reais, o que torna possível imaginarmos que essas mulheres negras precisam financiar com seu próprio dinheiro as iniciativas do projeto. Os dados ainda demonstram o nível de precariedade que o acesso ao financiamento privado poderia diminuir. Há aqui o cruzamento de alguns marcadores sociais da diferença, como classe, raça e gênero que impactam, necessariamente, a vida dessas mulheres, mas também suas ações.

No que diz respeito ao financiamento e manutenção de projetos, nosso objetivo foi o de compreender as condições da força de trabalho dessas iniciativas. Como resultado, percebemos que a maioria conta com voluntários para a sobrevivência das ações, o que é um indicativo ainda da impossibilidade de se contratar membros permanentes. Estes projetos, buscam preencher a lacuna deixada pelo Estado e pelas Políticas Públicas que não chegam às áreas periféricas aqui analisadas. A pesquisa ainda demonstrou que as iniciativas conhecem os caminhos para a formalização e tem interesse na obtenção do CNPJ, mas que por inúmeros motivos não conseguiram se formalizar.

Os motivos, a esta altura, já se demonstram claros. A falta de uma equipe permanente, o alto número de voluntários é um impeditivo de uma gestão centrada, na medida em que as iniciativas estão lidando com um número grande de questões ao mesmo tempo, ao passo que seus membros se dedicam ainda a outras atividades, o que torna impossível a gestão única das ações.

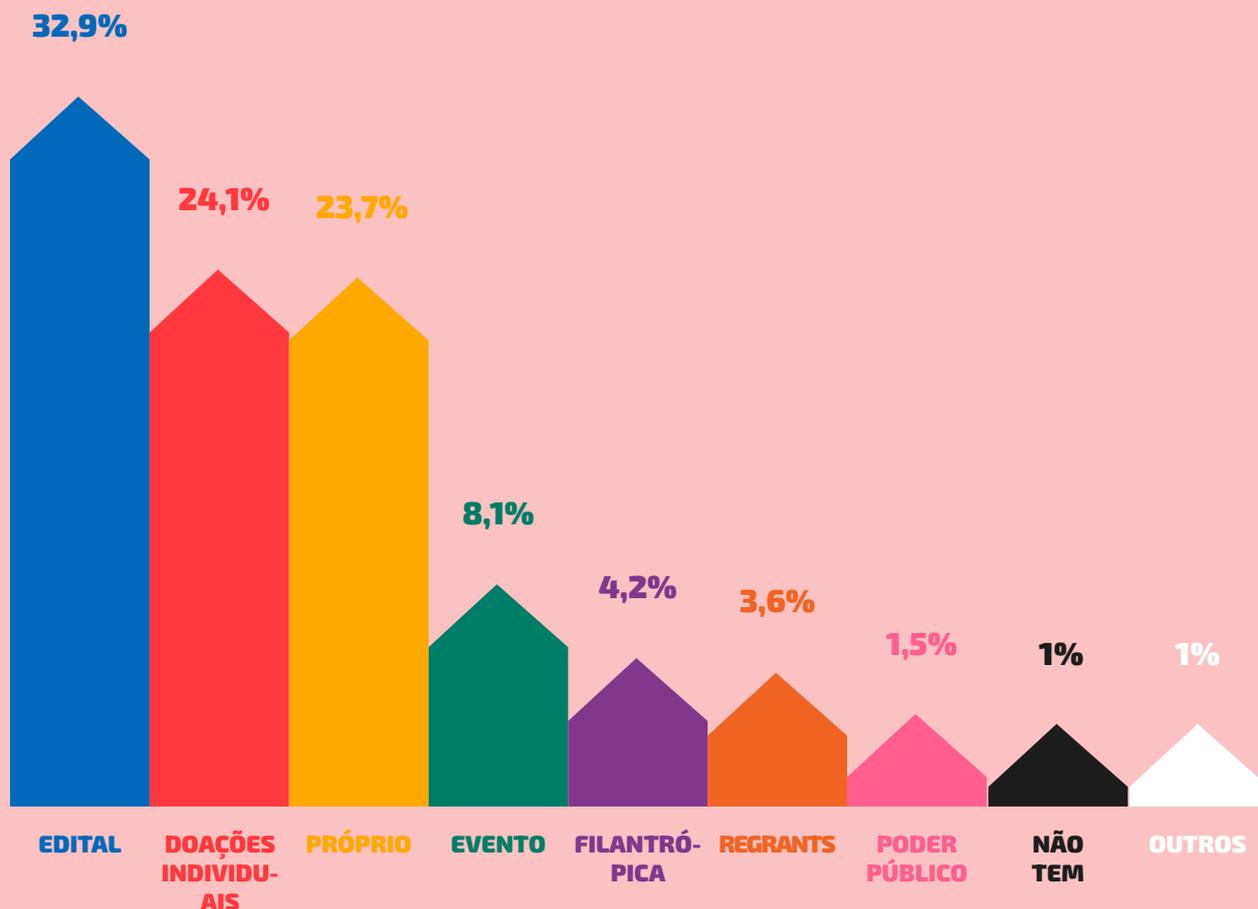
QUAL O MONTANTE DE DINHEIRO GERIDO EM UM ANO, NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS?

Somados os que não obtiveram recursos com os que tiveram o menor valor, temos uma realidade de 46%, quase metade das iniciativas pesquisadas.



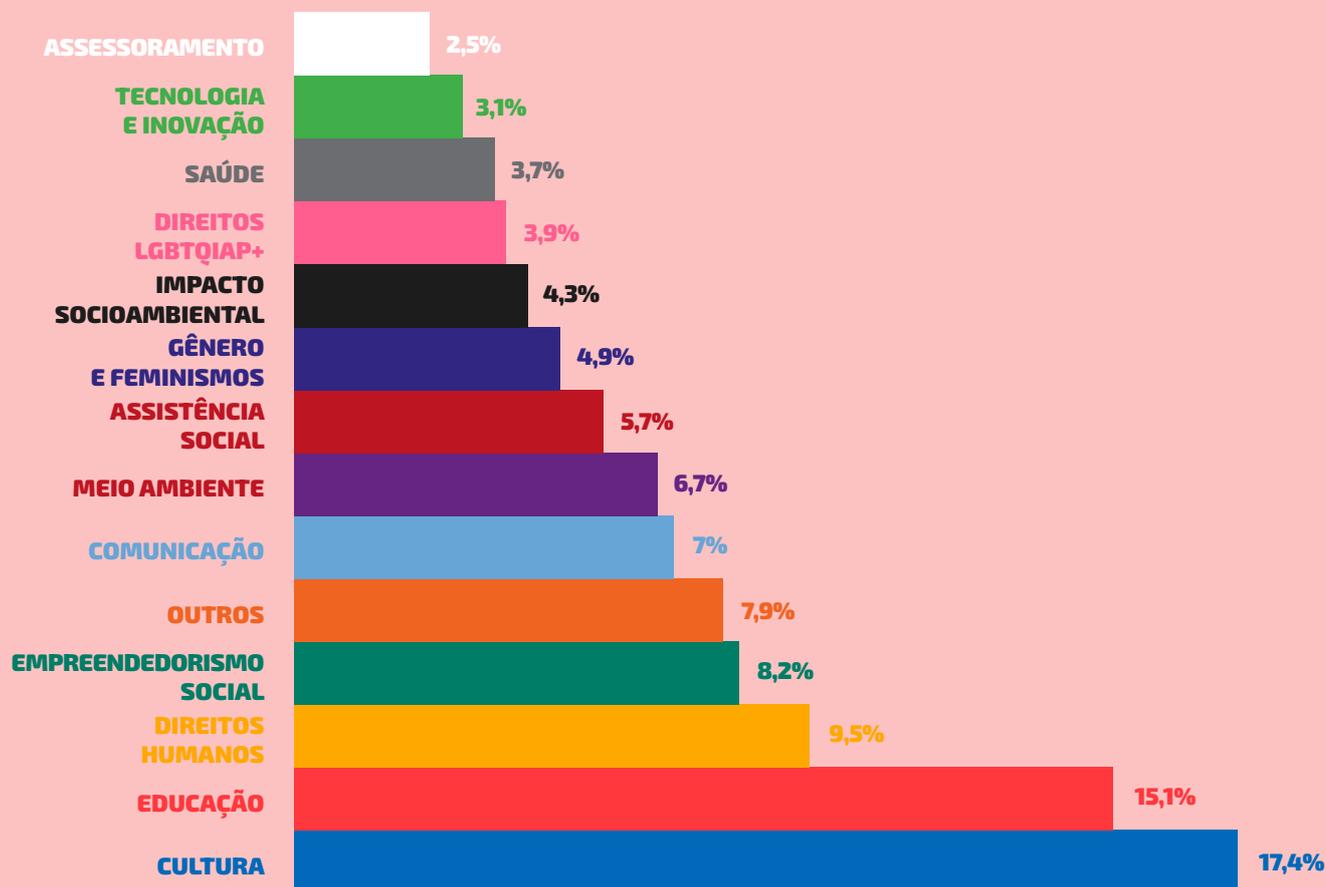
QUAL A PRINCIPAL FONTE DE RECURSO DA SUA ORGANIZAÇÃO?

As principais fontes de acesso aos recursos foram os editais, contudo, se somarmos os recursos próprios e as doações individuais teremos um valor amostral superior.



QUAL O SEGMENTO DE ATUAÇÃO?

42% dos entrevistados compõem atividades nos setores de cultura, educação e direitos humanos, produzindo assim um alfinete importante a respeito desses três temas.



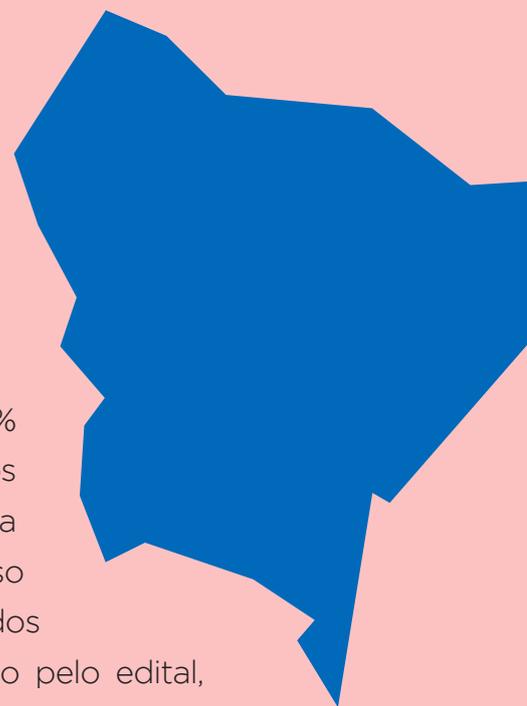
Entendendo as frentes de atuação e o montante de dinheiro gerido, 41,8% do universo pesquisado afirmou não se aplicar a hipótese de que as organizações não sabem como procurar os editais e o acesso. Outros 37,5% afirmaram que a não captação de recursos não se deve à falta de habilidade e conhecimento na escrita de projetos para editais. Mas, para 78,4%, a alta competitividade é um fator muito importante para o não acesso às iniciativas de financiamentos advindos de editais. Para 56,9% a formalização é um fator que impacta nas condições de acesso aos editais, valor este bastante expressivo, mas ainda menor do que a competitividade apresentada. No mais, há um universo importante para ser levado em conta que é o do acesso à rede de financiadores, na medida em que acessar pessoas que podem financiar pode ser fundamental, construindo e reforçando assim uma rede de filantropia pautada na confiança.

O acesso ao financiamento mudaria completamente a capacidade de ação e o alcance dos projetos, é essa a percepção das organizações aqui mapeadas. Nesse sentido, 78,4% das iniciativas disseram que, se conseguissem acessar os editais, investiriam o dinheiro na capacitação das equipes para melhorar os serviços oferecidos e 90,5% utilizaria o dinheiro para a organização interna e pagamento de gastos de consumo e políticas de cuidado. Esses números demonstram os sufocos enfrentados por essas organizações na manutenção das condições mínimas de funcionamento, bem como a compreensão de que a melhoria dos serviços oferecidos precisa ser uma prioridade.

No que diz respeito aos desafios encontrados pelas iniciativas na gestão de seus projetos, 72% das iniciativas disseram necessitar de mais conhecimento de gestão financeira. É razoável se imaginar que essas iniciativas enfrentam esse desafio na medida em que costumemente não acessam esses editais, de modo que esta seria uma demanda introduzida pelo acesso. 59% apontam como um grande desafio, o fato do tempo esperado para a execução dos projetos não corresponderem com o impacto desejado pelas iniciativas, o que seria um impeditivo burocrático para ações tão importantes e necessárias.

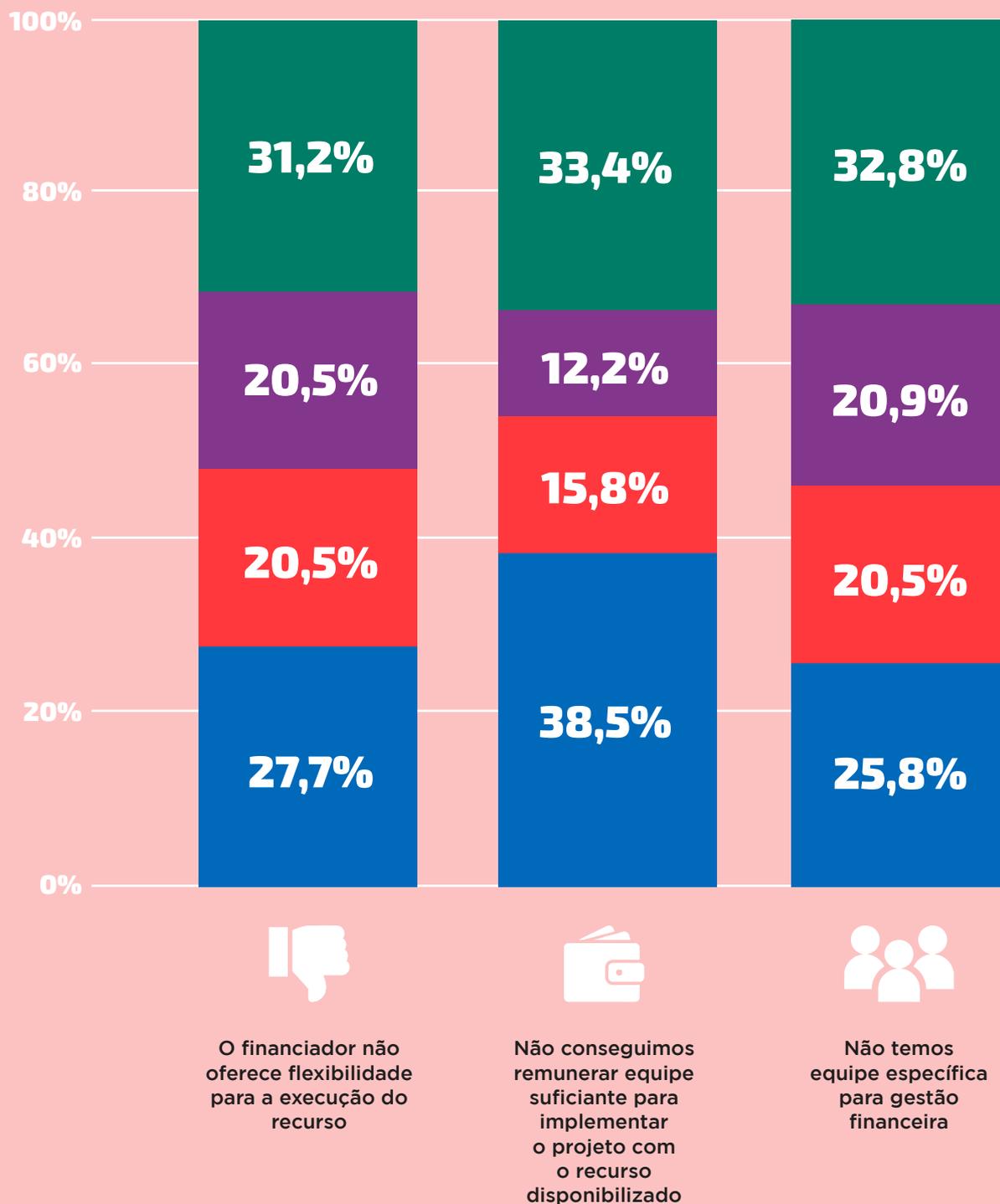
Ainda, 56,5% consideram urgentes as condições de prestação de contas. Para essa população amostral, a prestação de contas seria um processo demasiadamente burocrático, o que funcionaria como mais um impeditivo imposto pelo edital.

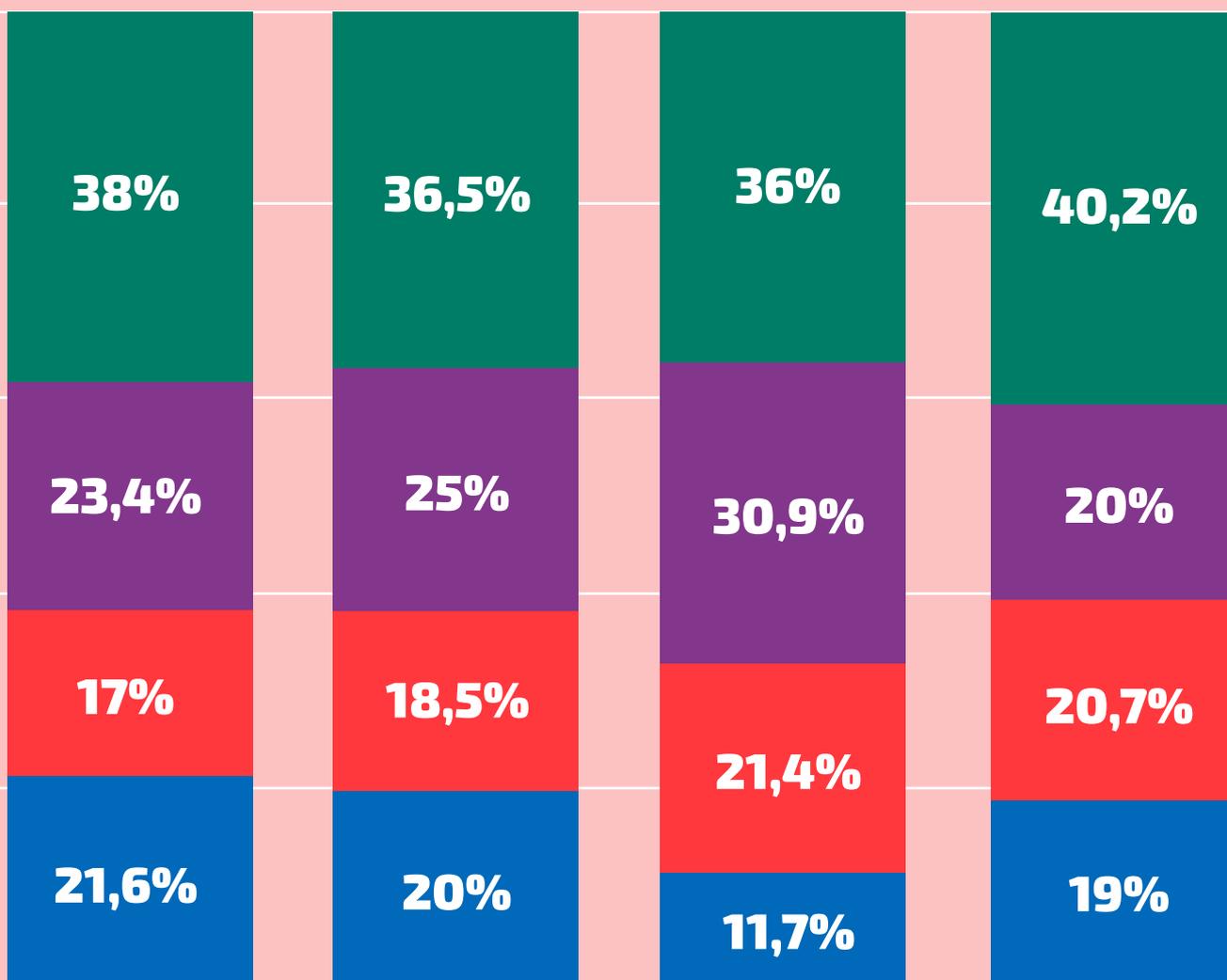
Por fim, um dado extremamente relevante: o de que 71,9% das organizações consideram urgente - demonstrados nos gráficos com a maior referência de desafio e impacto - a falta de flexibilidade na execução dos recursos no processo de implementação dos projetos. Muitos gastos inesperados podem surgir e o orçamento estaria limitado ao definido pelo edital, que desconsidera as limitações e necessidades locais. Daí a necessidade de expandirmos a rede de filantropia pautada na confiança, ou seja, aquela em que as doações são feitas do doador diretamente para as iniciativas em que ele confia, dando aos projetos maior flexibilidade de execução orçamentária.



QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS DESAFIOS ENFRENTADOS PELA SUA ORGANIZAÇÃO PARA GERIR FINANCIAMENTO?

No que diz respeito aos desafios encontrados pelas iniciativas na gestão de seus projetos, 72% das iniciativas disseram necessitar de mais conhecimento de gestão financeira. 56,5% consideram urgentes as condições de prestação de contas. Para essa população amostral, a prestação de contas seria um processo demasiadamente burocrático.





As condições de prestação de contas são muito burocráticas



O valor do recurso designado para o projeto não condizem com o impacto esperado



O tempo de execução exigido para o projeto não condiz com o impacto esperado



Precisamos de mais conhecimento sobre gestão financeira e de projetos



**(RE)FAZER A
COSMOVISÃO
DA FILANTROPIA
BRASILEIRA:
METAVERSOS
MATERIAIS EM
ESTUDOS DE CASO.**

Uma curiosidade etimológica é que, no dicionário, se encontra o seguinte significado para filantropia: “amor excessivo pela humanidade”. Caridade; demonstração de generosidade; tendência para ajudar os mais necessitados; falta de interesse. Por saber que conceito é diferente de palavra, foi importante buscar o que os especialistas vinham descrevendo sobre a filantropia enquanto um conceito e uma prática.

Alinhar o conceito e o entendimento da filantropia de que doação é um instrumento que o doador ou filantropo utiliza para apoiar organizações que atuam em causas em que ele(a) acredita. Estas doações seriam, então, uma ferramenta poderosa para o exercício de uma cidadania ativa e pulsante para o fortalecimento da democracia.

Mas, filantropia se resume a doação de dinheiro? Não! O conceito é abrangente no que diz respeito a sua prática e se desdobra em outros significados em modos de performance e atuação. Este conceito tem a ver com mudança efetiva, investimento social e desenvolvimento. As doações efetuadas em benefício daqueles que estejam mais necessitados, com vistas à construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Diante desse cenário, buscou-se identificar, com esta pesquisa e com os dados apresentados para a descentralização dos recursos do investimento social privado no Brasil, quem são as pessoas que estão construindo o mundo com as próprias mãos e com isso, contribuindo para uma construção de nação? Como elas têm feito isso? Com quais recursos? Os recursos estão chegando até elas? Nos parece que não.

Entretanto, não é só o fortalecimento institucional que elas precisam e querem, se faz necessário repensar todo o ecossistema do investimento social privado e filantrópico no Brasil, de modo plural e interseccional. É preciso aumentar a prática e a cultura de doação, garantir fortalecimento institucional para que os projetos tenham condições reais e materiais de atuação, editais que contemplem a realidade local, construir outras formas de avaliar e monitorar. É preciso reaprender o conceito de

impacto e transformação social que está mais atrelado e próximo da garantia de direitos básicos do que da espetacularização ou ostentação de um determinado território, transformando-o no grande outro exótico, retificando sua existência.

Percebe-se que existem muitas iniciativas espalhadas por todo o Brasil garantindo o Bem Viver de muitas comunidades, se não fosse a presença e a atuação delas dentro do território a desigualdade social e as mazelas sociais seriam muito maiores. O que essas mãos estão produzindo é transformador, potente e revolucionário.

Cabe perguntar: porque o dinheiro não chega para quem mais precisa? Quais as dificuldades em captar os recursos? As iniciativas afirmam que sabem que existem editais, que por vezes, quando conseguem tempo e recursos, eles conseguem escrever os projetos, quando não sabem, articulam ajuda para avançar com o procedimento mais burocrático. O problema, segundo o mapeamento da pesquisa, vai de encontro com a escassez de recursos em detrimento e urgência de vida das comunidades, as seleções são muito concorridas, o modo como esses materiais chegam até o território, com relação a prazos e prestação de contas, desconsidera o tempo e o trabalho de



deslocamento e as dificuldades de acesso a internet, enfrentado por muitos territórios, com perspectivas de avaliação, monitoramento e contrapartida, ainda com perspectivas coloniais e com demandas generalistas que não se adequam a realidade dos projetos, o que faz, com que o dinheiro fique centralizado e não chegue nas periferias.

Será que pode-se dizer que a filantropia como está dada hoje reforça desigualdades de raça de gênero e de classe ao invés de produzir e ajudar a construir um país mais justo e igualitário? Como se pode reverter essa situação? Como construir mecanismos capazes de descentralizar os recursos e potencializar cada vez mais esse território? Como cuidar de quem cuida? É preciso olhar para as periferias como parceiras do desenvolvimento econômico e da transformação social do país e não como um lugar que precisa ser salvo por alguém de fora mais esclarecido.

É importante reivindicar que os modelos de financiamento, monitoramentos, avaliações, sejam acessíveis, a partir de novas formas de mensuração de impacto, e prestação de contas, com propostas reais que se conectem





com a realidade da população mais atingida pela desigualdade sistêmica. Os recursos precisam chegar onde a realidade acontece!

Não é preciso inventar a roda, é importante construir e aprender coletivamente com quem sabe fazer, com os ativistas de todo Brasil, coletivos e iniciativas. São muitas as iniciativas, projetos e ações que atuam nesse sentido, como por exemplo a Perifa Connection, Iniciativa PIPA, Fundo Agbara, Fundo Baobá, todos mostram como fazer, e que é possível criar uma agenda antirracista, capaz de impactar nacionalmente, promovendo cidadania, justiça e transformação social ao combater as diversas desigualdades.

“

**NESSA COSMOVISÃO EM
DISPUTA: QUAL METAVERSO
FILANTRÓPICO ESTÁ EM
CONSTRUÇÃO?**

”



Frente a este cenário, a Iniciativa Pipa tem como propósito articular, mobilizar, sensibilizar através da promoção de um debate efetivo, diverso e plural, para ampliar a cultura de doação e promover a descentralização dos recursos do investimento social privado, através de estratégias inovadoras e coletivas. Tendo como principal foco, a garantia de direitos e o fortalecimento da democracia brasileira.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto Nu e a todas as iniciativas parceiras da Iniciativa PIPA que aceitaram participar dessa pesquisa e nos ajudar a construir uma nova agenda para a distribuição dos recursos do investimento social privado e filantrópico no Brasil. Esses projetos, estão construindo a realidade com as próprias mãos, defendendo a democracia, promovendo cidadania e garantindo o mínimo de soberania alimentar e bem viver para os que mais precisam. Esperamos que esses dados ganhem força e sejam utilizados da melhor forma, produzindo o impacto e as políticas públicas que buscamos, com muita prosperidade e parceria com as periferias que tem provocado transformações inovadoras e precisas para esse país. Repensar o modelo vigente e descentralizar os recursos é urgente!

Realização



Apoio





PIPA